

Dr. David deSilva , Apócrifos, Palestra 1, Introdução Geral

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David deSilva em seu ensinamento sobre os Apócrifos. Esta é a sessão 1, Uma introdução geral.

Se você é protestante e clicou nessa apresentação já está de parabéns.

Especialmente os cristãos protestantes têm que superar uma boa quantidade de preconceito para olhar para os apócrifos e começar a ver o que há neles. Em primeiro lugar, deixe-me dizer que os Apócrifos, os livros que compõem os Apócrifos, são apenas uma pequena amostra da literatura judaica escrita na época, por assim dizer, entre os Testamentos, entre cerca de 400 AC e o primeiro século DC. Ao lado dos textos que encontramos nos Apócrifos estão muitas outras obras, como as dezenas de livros que fazem parte da coleção, conhecidos em círculos reconhecidamente limitados como Pseudepígrafos, e também os livros encontrados entre os Manuscritos do Mar Morto, particularmente os não -livros bíblicos entre os Manuscritos do Mar Morto.

Sem mencionar os escritos de Josefo e Fílon, entre outros textos semelhantes. Portanto, há um grande corpus, um grande corpo de literatura judaica proveniente deste período entre os Testamentos. E os Apócrifos são identificáveis como uma coleção apenas por causa das práticas de leitura dos cristãos ao longo dos séculos.

É a forma como estes textos foram escolhidos pela Igreja ao longo dos séculos que nos permite falar sobre os Apócrifos. Agora, à luz dessas práticas, o termo Apócrifos refere-se, do ponto de vista protestante, aos livros que fazem parte do Antigo Testamento católico romano e cristão ortodoxo, mas não são considerados parte do Antigo Testamento pelos protestantes. O termo Apócrifos vem de uma palavra grega que significa coisas escondidas.

Então, obviamente, os Apócrifos refletem a perspectiva protestante sobre esses textos. Os mesmos livros seriam chamados de livros deuterocanônicos na Igreja Católica Romana ou nas comunhões cristãs ortodoxas, ou simplesmente seriam referidos como parte do Antigo Testamento. A palavra deuterocanônico, um segundo cânon, não seria usada para implicar um cânone de segunda categoria, mas apenas um cânone que surgiu depois dos livros acordados por judeus, protestantes, católicos e ortodoxos como parte do Antigo Testamento.

Em outras palavras, um grupo de escritos reconhecidamente posteriores que, no entanto, fazem parte do cânon. Deuterocânon não implica inferioridade em relação a outros livros canônicos, assim como Deuterônomo não implica a inferioridade

daquela declaração da lei em relação à declaração anterior de grande parte do mesmo material em Êxodo. Agora, eu mencionei que os protestantes muitas vezes têm que superar uma quantidade razoável de preconceitos para sequer lerem esses livros ou pensarem que deveriam se preocupar com o que está neles.

Muitas das pessoas com quem conversei sobre os apócrifos parecem operar com esta pressuposição de que esses livros foram testados pelos cristãos, considerados deficientes e justificadamente excluídos do cânon porque não têm valor intrínseco ou porque são até mesmo prejudicial e irá perverter e distorcer o senso de verdade do leitor. Às vezes, é apenas o resultado do preconceito persistente que muitos protestantes podem sentir em relação aos católicos e a outras comunhões cristãs. Esses livros são o que eles lêem, não o que lemos.

Minha própria experiência com os apócrifos é um pouco diferente. Fui criado na Igreja Episcopal e na comunhão anglicana em todo o mundo, somos capazes de considerar esses livros não como escrituras, mas também como antibíblicos ao mesmo tempo. Podemos até ouvir alguns desses textos lidos na igreja, cientes de que não são escrituras, mas também conscientes de que são parte integrante da tradição que a igreja transmitiu.

E eu próprio fiquei surpreso ao descobrir a estima com que os reformadores protestantes abraçaram estes livros. Martinho Lutero e discutiremos isso mais detalhadamente em uma palestra posterior, mas Martinho Lutero tinha esses livros em alta conta e, quando produziu sua Bíblia em alemão, ele os traduziu. Se o seu objetivo é fazer com que seus paroquianos parem de ler textos, você não os traduz e os disponibiliza em seu vernáculo alemão.

Agora, é significativo que quando ele publicou sua Bíblia em alemão, ele separou os livros dos Apócrifos do Antigo Testamento e os colocou entre o Antigo e o Novo Testamento. Sinalizando que eles não estão de acordo com as Escrituras, mas o próprio fato de que ele os traduziu e os colocou lá também sinalizou que ele os achava, em suas próprias palavras, úteis e bons de ler. Da mesma forma, a Reforma Inglesa assumiu este tipo de posição moderada em relação aos Apócrifos.

Nos 39 artigos de religião que definem basicamente os parâmetros de fé para a comunhão anglicana, os livros apócrifos, por um lado, claramente não devem ser mantidos no nível das escrituras canônicas, mas, por outro lado, são promovidos a ser, citar, ler por exemplo de vida e instrução de costumes. Até mesmo os reformadores suíços Ulrich Zwingli e João Calvino tinham estes livros em alta conta, forneceram traduções destes livros nas suas Bíblias vernáculas, e elogiaram-nos por conterem, citarem, mas em tradução, muito do que é verdadeiro e útil. Nem tudo é verdadeiro e útil, mas muito é verdadeiro e útil.

Então, por um lado, foram promovidos. Por outro lado, com alguma cautela. Mas vamos ser honestos por um momento. A maior parte do que nós, cristãos, lemos é literatura não-canônica, e a maior parte provavelmente contém mais erros do que os apócrifos.

Penso no meu último catálogo de distribuidores de livros cristãos, por exemplo. Tem muita coisa aí. Sejamos honestos. Isso se afasta muito mais da clara revelação dos livros que chamaríamos de livros bíblicos do que qualquer coisa que você encontrará nos Apócrifos.

Assim, com tudo isto dito, parece-me que o testemunho da Igreja como um todo, com o que me refiro não apenas às igrejas Católica Romana e Ortodoxa, mas também aos reformadores clássicos, é que, como leitores protestantes, devemos tomar a dificuldade para ler os Apócrifos, e até mesmo para lê-los antes do último livro de Max Lucado, ou Joyce Myers, ou TD Jakes, ou quem quer que seja. Agora, vamos pensar, brevemente nesta palestra introdutória, de onde vêm esses livros. São todos textos judaicos.

Alguns deles vêm de Judá, ou Judéia, sendo escritos entre cerca de 200 aC e 100 dC. Alguns dos livros, entretanto, vêm de centros judaicos da diáspora. É provável que alguns tenham vindo de lugares como Alexandria ou de algum lugar nas proximidades da Síria e da Cilícia, no que hoje é a parte sul da Turquia e, claro, da atual Síria, onde havia grandes comunidades judaicas. Alguns também podem ter vindo da diáspora oriental.

Todos eles foram escritos em hebraico ou grego. E assim, o que temos nesta coleção é uma espécie de amostra representativa de vozes de autores judeus em todo o mundo judaico. Seja o que poderíamos chamar de Israel-Palestina ou a área mais ampla do Mediterrâneo ou do Levante.

E eu acho que poderíamos dizer que todos os livros dos Apócrifos viriam de um período entre cerca de 300 AC, e isso sendo generoso, talvez 250 AC e 100 DC. Então, nós realmente temos uma espécie de pastiche de janelas representativas sobre o que o Judaísmo foi como em todo o mundo judaico durante este período entre os Testamentos. Como mencionei antes, a única razão pela qual falamos dos Apócrifos como uma coleção é por causa das práticas de leitura da igreja cristã ao longo dos séculos. Esses livros e seu lugar na igreja cristã, como exploraremos mais detalhadamente mais adiante, sempre foram uma espécie de ponto de interrogação.

Os cristãos estavam sempre a perguntar se deveríamos seguir o cânon judaico, o que os protestantes fazem, o cânone mais curto do que as pessoas do primeiro século teriam enumerado como os 24 livros, mas enumeramos de forma diferente porque contamos todos os profetas menores separadamente e tudo o mais. Ou deveríamos incluir livros que não existem, mas que os primeiros cristãos consideraram úteis? E

foram claramente utilizados como recursos. Então, na verdade, as práticas de leitura cristã, mesmo que tenham sido tensamente debatidas, deram-nos esta coleção, e eu diria mesmo que selecionei estes textos daquela riqueza maior da literatura judaica como particularmente valiosos para os cristãos conhecerem e lerem.

O que há nos apócrifos? Encontramos livros que se enquadram em uma variedade de gêneros e tipos de literatura, e um gênero particularmente bem representado seriam as expansões e recontagens da história bíblica. Encontraremos um livro, que hoje é conhecido como Primeiro Esdras, que basicamente nos dá outra versão, uma recontagem, do material que poderíamos ler no final de Segundo Crônicas em Esdras e em um capítulo de Neemias. Portanto, uma espécie de outra versão dessa história e, aliás, recontando a história bíblica, era um tipo de literatura popular nesse período.

Também encontraremos diferentes versões de livros que conhecemos do cânone protestante. Por exemplo, há uma versão diferente de Ester nos Apócrifos. A versão com a qual os protestantes estão familiarizados é traduzida do hebraico e é consideravelmente mais curta que a versão grega de Ester.

Então, em algumas edições dos Apócrifos, veremos isso como acréscimos a Ester, onde esse material adicional foi simplesmente retirado e apresentado. Mas isso é um pouco enganador porque toda Ester é diferente em grego. Você ficaria surpreso depois de ler Ester, com o qual os protestantes estão familiarizados, quão religioso é o livro Ester grego.

Deus, a oração e as marcas da piedade judaica aparecem em toda a Ester grega e não apenas nas seções adicionais. Também se encontraria uma versão mais gorda de Daniel nos Apócrifos. Ou seja, uma versão de Daniel com cenas deletadas restauradas, se assim posso dizer.

A história de Susanna, uma donzela judia que corre perigo por juízes corruptos, dá início ao livro. E a história do desmascaramento de dois cultos estrangeiros por Daniel, o culto de Bel e o culto do dragão. Essa coleção, assim como a história de Daniel três, os três jovens na fornalha, é ampliada com alguns belos poemas litúrgicos.

Primeiro, uma oração de arrependimento foi colocada nos lábios de Azarias, e depois um longo salmo de ação de graças foi colocado nos lábios dos três. Existem também algumas outras expansões, ou talvez devêssemos dizer, textos que são inspirados na história das escrituras. Por exemplo, a oração de Manassés, que é um belo salmo penitencial inspirado, claro, na história de Manassés, o pior rei da história de Judá.

Por causa de cujos crimes, simplesmente não havia como voltar atrás diante das maldições de Deuteronômio que caíram sobre Judá, manifestadas na devastação de

Jerusalém e de seu templo por Nabucodonosor. Depois, ao número de 150, foi acrescentado um salmo 151, no qual outros episódios da vida de David recebem a sua espécie de momento litúrgico, nomeadamente a sua eleição sobre os irmãos e a derrota de Golias. Existem dois livros históricos muito importantes incluídos entre os Apócrifos.

Estes são 1 e 2 Macabeus. Estas são provavelmente as nossas mais, bem, estas são facilmente as nossas testemunhas mais importantes dos eventos tumultuados e épicos de 175 a 141 aC na Judéia. Este foi um período em que a própria questão da identidade judaica estava em cima da mesa.

Continuaríamos a permanecer observadores da Torá, distintos, diferentes e aos olhos do povo atrasado do nosso senhor supremo? Ou nos assimilariamos e nos colocaríamos no mapa internacional, tornando-nos como as nações? Este é também o período em que, após cerca de 400 anos de dominação estrangeira, Israel tornou-se novamente um Estado independente durante um breve período de cerca de 80 anos sob a dinastia Hasmoneu, mais famosa pelo seu papel na liderança da revolta dos Macabeus. Assim, os acontecimentos nestes dois livros têm realmente um impacto duradouro na identidade judaica. Os desafios e opções que surgem nessa história repetem-se ao longo do resto do período intertestamentário e do Novo Testamento de maneiras interessantes.

Os Zelotes, por exemplo, com os quais você deve estar familiarizado desde a história judaica do século I, têm suas raízes no tipo de zelo pela Torá que o violento movimento de resistência, a revolta dos Macabeus, manifestou, por exemplo. Há também uma série de livros de sabedoria nesta coleção, ou se ampliássemos isso, poderíamos dizer também livros de instrução. Talvez um dos livros mais impactantes e importantes dos Apócrifos seja a Sabedoria de Ben Sira, que às vezes também é conhecido como Sirach ou Eclesiástico.

Esta é uma coleção muito extensa de material que se assemelha muito aos Provérbios do Antigo Testamento, mas de uma forma claramente muito mais desenvolvida. Por exemplo, enquanto Provérbios, embora grande parte dos Provérbios consista em máximas discretas, Ben Sira consiste principalmente em cinco a dez blocos de versículos de instrução desenvolvidos, muitos dos quais, no entanto, têm seu núcleo no Livro de Provérbios. E assim, a Sabedoria de Ben Sira nos dá um desenvolvimento posterior de como era a tradição da sabedoria em Israel por volta de 200 AC.

Existe outro livro chamado Sabedoria de Salomão. Agora, enquanto a Sabedoria de Ben Sira nos mostra a sabedoria baseada em Jerusalém em 200 AC, a Sabedoria de Salomão nos mostra a sabedoria baseada nos Judeus da Diáspora, talvez por volta de 50 AC até algo em torno de 30 DC. É mais difícil datar aquele livro em particular.

Muitos estudiosos dirão que a Sabedoria de Salomão nos mostra a sabedoria dos judeus egípcios, talvez até mesmo da comunidade judaica que vive em Alexandria. Encontramos também um livro chamado Baruque, atribuído ao escriba de Jeremias com esse nome. E Baruch é um interessante pastiche de gêneros.

Parte disso é liturgia penitencial, parte é poema de sabedoria, parte é uma profecia sobre as maneiras pelas quais a situação de Sião, a situação de Jerusalém, será revertida no bom futuro de Deus. Temos um livro muito curto chamado A Carta de Jeremias, que nas coleções mais antigas dos Apócrifos é simplesmente o último capítulo de Baruque. E A Carta de Jeremias é basicamente um discurso inflamado contra a religião idólatra.

O seu objectivo é simples: manter os judeus que vivem no meio de pessoas que adoram ídolos imunes aos efeitos de ver a maioria das pessoas à sua volta envolvidas neste tipo de adoração e talvez serem atraídas a juntar-se a eles. Talvez eu esteja me perguntando: eles têm algo lá que eu deveria ser mais tolerante ou até mesmo abraçar? E também encontraríamos o que provavelmente seria melhor descrito como um tratado filosófico. Talvez até o termo técnico seja um discurso protréptico, o que significa um discurso que promove uma filosofia específica que promove um modo de vida específico.

Neste caso, promover o modo de vida judaico em termos que seriam facilmente inteligíveis pelo discurso filosófico grego. Também encontramos uma série de obras que eu poderia chamar de ficção inspiradora. Estes seriam os livros de Tobias, Judite e Segundo Macabeus.

Tobit conta a história de um judeu da diáspora que foi levado para Nínive como parte da conquista assíria e nos dá uma visão de alguns dos desafios que ele enfrentou. Mas ainda mais do que isso, fornece uma história em que estilos de vida piedosos resultam em ajuda e libertação divinas oportunas. Aliás, é também uma janela maravilhosa para a ética da época.

Judith é uma história de um tipo diferente. Judith é a história de uma mulher que usa seus encantos particulares para livrar sua aldeia do cerco de um dos generais de Nabucodonosor, o general Holofernes. Está cheio de erros históricos, que quase gritam ao leitor antigo que se trata de ficção.

Isso é ficção. Mas mesmo dentro da ficção, conta-se a história de que a honra de Deus será vindicada por Deus através de qualquer veículo que se apresente como um veículo para Deus usar. E sexista, por assim dizer, até a mão de uma mulher.

E essa parece ser a última palavra do livro. Deus livrará até pela mão de uma mulher. Terceiro, Macabeus nos leva de volta à Diáspora, especificamente à situação dos

judeus em Alexandria, no Egito, depois que o rei grego do território egípcio, o Ptolomeu da época, foi rejeitado em Jerusalém.

E é apenas mais uma história de libertação divina daqueles que se mostram fiéis à aliança, mesmo quando é precisamente a fidelidade à aliança que os coloca em apuros com as autoridades seculares. A coleção de Apócrifos, como tende a ser impressa agora, também inclui um apocalipse, conhecido como Segundo Esdras. E, claro, falaremos mais sobre isso em uma palestra futura.

Mas o Segundo Esdras é na verdade um texto composto de três livros diferentes. O cerne disso é um apocalipse judaico, também conhecido como Quarto Esdras, que foi escrito após a destruição de Jerusalém em 70 DC, lutando com todos os tipos de questões sobre quão significativo é ser um observador da lei quando Deus permitiu que Israel, Jerusalém e seu templo, para ser destruído por aqueles que estão muito menos preocupados com Deus e sua lei do que os judeus. É uma espécie de argumento que diz: eu sei que éramos maus, mas eles eram muito piores.

Como você pôde deixá-los nos pisotear? E como você pôde permitir que eles, os romanos, continuassem a florescer? E assim, num diálogo entre Esdras e um anjo chamado Uriel, estas questões são elaboradas com o resultado de que a observância da Torá como um modo de vida significativo e como o caminho para entrar na vida eterna ressurgem como o único caminho sensato a seguir, apesar dos infortúnios nacionais. Agora, eu diria que a coleção de Apócrifos é uma coleção muito valiosa para todos os cristãos lerem, se familiarizarem e até mesmo estudarem com alguma profundidade. Não é uma coleção longa.

Não é mais longo que o Novo Testamento. Então, realisticamente, alguém poderia ler os Apócrifos em menos de 30 horas, ou se demorasse 40 horas, poderia lê-los lentamente e com bastante atenção. Não é um grande investimento na vida de alguém.

Mas, pelo menos, podemos dizer que os Apócrifos nos oferecem janelas valiosas para o Judaísmo intertestamentário. E isto é, penso eu, de suma importância para as pessoas que estão estudando o Novo Testamento. Uma analogia pode ser esta.

Se você fosse um especialista em história da igreja, desde o seu início até a Reforma, e não soubesse mais nada depois disso, como você entenderia o cenário da igreja moderna? Você poderia, mais ou menos. Mas se tudo o que você tivesse para prosseguir fosse a história da igreja até 1500, você cometeria muitos erros. Você faria muitas suposições sobre o que aconteceu repentinamente no século XXI.

Mas se você soubesse o que aconteceu entre 1500 e 2000, você veria muito mais claramente de onde veio o cristianismo do século 21, em que ele se baseou, o que era novo e o que acabou se revelando não tão novo depois de tudo, e o que você

tem. Você entenderia e teria uma base para compreender muitas das tensões que você vê no Cristianismo do século 21 e que você simplesmente não tinha antes de 1500. Tudo isso para dizer, eu acho que os Apócrifos, e realmente Segundo O Judaísmo do Templo, de forma ainda mais ampla, preenche aquela lacuna essencial que nos permite, se estudarmos o Novo Testamento, realmente ver o quadro completo de como o Judaísmo chegou a este ponto a partir do qual a igreja cresceu, e também o que os primeiros cristãos eram. aproveitando enquanto lutavam e procurando como motivar uma resposta fiel aos desafios do primeiro século.

Portanto, janelas para o Judaísmo intertestamentário, entre as quais a história do período. Eu mencionei o Primeiro e o Segundo Macabeus a esse respeito. Janelas para o desenvolvimento da teologia da lei e da aliança.

É realmente surpreendente ver como a teologia da aliança, já articulada no Antigo Testamento, é adaptada, mantida e, diante de certas experiências, reforçada para que a teologia da aliança possa continuar. Por exemplo, o que acontece quando a obediência à aliança realmente parece levar a experimentar as maldições da aliança? Não vida longa e bênção, mas vida curta e morte por tortura. Como podemos ainda afirmar Deuteronômio e suas promessas quando essa é a experiência dos judeus? Os Apócrifos dão-nos janelas sobre como os judeus entenderam isso e foram capazes de responder a esses desafios, de modo a reafirmar o Deuteronômio e a sua visão da história como uma estrutura significativa para a vida e a tomada de decisões.

Nesta literatura obtemos algumas janelas muito úteis sobre as relações entre judeus e gentios que, francamente, são muito mais relevantes para o primeiro século do que as relações entre judeus e gentios na conquista de Canaã, por exemplo. Podemos ver por que os gregos e os romanos olhavam com desconfiança para os judeus, como eles pensavam sobre as comunidades judaicas em seu meio e como essas comunidades judaicas lidaram com esses preconceitos e foram capazes de resistir às pressões que lhes foram infligidas, de modo a permanecerem fiéis aos seus costumes ancestrais. E também, talvez não incidentalmente, mas muito importante, os tipos de tensões que existiam dentro da comunidade judaica devido a vários impulsos para responder ao mundo exterior de diferentes maneiras, assimilação versus manutenção da nossa identidade e limites ancestrais, apesar das desvantagens que possam incorrer.

Encontramos algumas janelas muito úteis para práticas sociais básicas e facetas do contexto cultural destes séculos entre o regresso do exílio e o nascimento da igreja primitiva. Encontramos, por exemplo, apenas para abrir, em Ben Sira, muitas janelas para amizades e relações patrono-cliente e coisas assim que representam um desenvolvimento real e uma mudança em relação ao que poderíamos encontrar no Antigo Testamento. Assim, aprendemos muito sobre o contexto cotidiano dos judeus em Israel e na Palestina durante este período, por exemplo.

E também testemunhas da piedade e da prática religiosa da época. Uma coisa é olhar para a observância da Torá ou olhar para o culto e os sacrifícios do templo através das lentes do Novo Testamento, que em grande parte rejeita tudo isso. Outra coisa é olhar para isso através das lentes de judeus piedosos que acham tudo muito significativo, muito enriquecedor.

Podemos apreciar melhor o que está acontecendo no Novo Testamento se não tivermos uma visão caricaturada da observância da Torá ou dos sacrifícios no templo ou o que você tem, mas tivermos uma visão interna de como essas coisas são significativas. Porquê, o que está em jogo quando a questão é se devemos deixar judeus e gentios comerem juntos, como em Antioquia, por exemplo, ou não? Portanto, além das maneiras pelas quais os Apócrifos nos abrem o mundo do Judaísmo intertestamentário, acho que também é uma leitura essencial para os cristãos, para todos os cristãos, porque fornece uma base essencial para o ensino de Jesus e para os escritores do Novo Testamento. Ora, é verdade que não há recitação explícita de uma passagem de um livro apócrifo no Novo Testamento.

No entanto, existem muitas ressonâncias entre o que encontramos no Novo Testamento e o que encontramos nos Apócrifos. Até mesmo material que não poderia vir do Antigo Testamento. É claramente um novo desenvolvimento desde o encerramento do Antigo Testamento.

Ressonâncias suficientes que sugerem que mesmo que um autor do Novo Testamento não tenha lido diretamente nenhum dos livros dos Apócrifos, os Apócrifos nos fornecem o caminho para aquele conjunto mais amplo de conhecimento cultural, conhecimento religioso, conhecimento ético que os autores do Novo Testamento também extraíram. Além disso, recomendo sempre a leitura dos Apócrifos aos meus alunos porque é um recurso que a igreja cristã, nos seus séculos mais formativos, considerou valioso para algumas facetas muito importantes do seu desenvolvimento e existência. Independentemente da nossa posição sobre o estatuto canônico dos Apócrifos hoje, é indiscutível que os textos dos Apócrifos desempenharam um grande papel, um papel significativo, no desenvolvimento da cristologia primitiva ou no desenvolvimento da doutrina da Trindade.

Assim, para compreender alguns destes desenvolvimentos essenciais da teologia cristã primitiva, pode-se até dizer central, deveríamos também ter acesso aos textos que os primeiros teólogos cristãos traziam à tona enquanto falavam sobre quem era Jesus antes da Encarnação. Além disso, verifica-se que os cristãos recorrem a textos dos Apócrifos no seu trabalho de apologética, não tanto apologética dirigida aos judeus não-cristãos, mas apologética dirigida aos gentios não-cristãos. A polêmica anti-idolatria que se encontra na Carta de Jeremias e na Sabedoria de Salomão, por exemplo, aparece novamente nos discursos de defesa, nas desculpas, como são chamadas, de cristãos do século II como Justino Mártir, Atenágoras e outros.

Então, foi uma ferramenta útil, pelo menos nesse aspecto. Os cristãos enfrentaram o martírio cada vez mais no segundo e terceiro séculos. E por isso talvez não seja surpreendente descobrir que os cristãos durante esse período, enfrentando perseguições, buscaram inspiração nas histórias do martírio judaico.

Essas histórias de martírio judaico não são encontradas no Antigo Testamento. Eles são encontrados nos Apócrifos, principalmente em 2 e 4 Macabeus. Portanto, esses dois livros surgem como recursos muito importantes, por exemplo, nas exortações de Cipriano ou de Orígenes ao martírio, ajudando os cristãos a fazer o sacrifício final em prol da piedade e do testemunho de Deus.

Finalmente, pode-se ver uma grande influência por parte dos Apócrifos que desenvolveram a liturgia cristã primitiva. Isto é especialmente verdadeiro nas comunhões Ortodoxas Orientais. O impacto da Sabedoria de Salomão, por exemplo, é bastante notável aí.

Mas também, as orações e salmos que se encontram nos apócrifos, alguns deles, devo dizer, tornaram-se a base da prática litúrgica cristã primitiva desde muito cedo. Eu sugeriria, finalmente, que os Apócrifos nos fornecem literatura ética e devocional de valor por si só. Nestes livros, encontramos respostas para perguntas sobre, por exemplo, o que significa viver tendo em vista a eternidade e não apenas esta vida.

Esse é um problema perene. Refiro-me aqui à Sabedoria de Salomão, por exemplo, acima de todas as outras. Nós, como cristãos, precisamos tomar decisões regularmente.

Vamos viver para a nossa gratificação agora ou para a nossa vindicação por parte de Deus no então, no futuro? E os livros apócrifos enfrentam essa questão e nos ajudam a enfrentá-la também. Encontramos nos livros apócrifos que ajudam a reforçar para nós o valor de domar e superar nossos impulsos e desejos, em vez de gratificá-los, para que possamos nos comprometer de todo o coração e com maior integridade em viver as práticas e as virtudes que Deus aprova e deseja. ver em nós. Temos textos que ajudam a nutrir o perdão, a generosidade e outras graças relacionais, bem como alguns bons exemplos de oração pessoal, confissão, arrependimento, louvor e petição.

Por todas estas razões, os cristãos de qualquer tipo têm boas razões para mergulhar nos Apócrifos, não temendo o que encontraremos lá, mas lendo-os simplesmente com o mesmo discernimento criterioso que aplicaríamos a qualquer coisa que lemos fora do nosso cânone bíblico. Se nos engajarmos nisso, certamente seremos enriquecidos de muitas maneiras, históricas, éticas, devocionais, e também em nosso reconhecimento de onde nossos antepassados na fé, começando pelos autores do Novo Testamento, tiraram parte de sua inspiração e inspiração. material.

Este é o Dr. David DeSilva em seu ensinamento sobre os Apócrifos. Esta é a sessão 1, Uma introdução geral.